



29(2):237-244
jul/dez 2004

RESENHA CRÍTICA

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

Uma releitura sobre alfabetização e letramento

Claudia Gewehr Pinheiro e Patrícia Moura Pinho

Magda Soares, professora da UFMG e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), autora de numerosos livros na área do ensino de língua materna, ao compilar alguns de seus mais importantes e referenciados artigos, nos convida a rememorar as discussões sobre alfabetização e letramento – através de um olhar atual e ressignificado. Nesse livro, traz experiência depois de alguns anos de intensa pesquisa e produção sobre o tema, enriquecida por outros estudiosos na área, os quais ela cita e referencia em sua obra.

O convite nos instiga já a partir da capa: uma letra A sendo tecida por duas agulhas de tricô que se entrecruzam, logo abaixo do título *Alfabetização e letramento*. Isso nos remete à idéia de que esses dois processos, embora distintos, segundo a autora, são indissociados e podem ocorrer simultaneamente. De modo geral, podemos dizer que esta é uma das grandes contribuições às discussões que se centram nas questões que ela mesma discute em outros textos: *Letrar alfabetizando? Ou alfabetizar letrando?* (Soares, 2004¹).

A obra constitui-se de textos já publicados, que agora se apresentam “recolocados” em duplo sentido: tanto em relação ao seu suporte – periódicos e situações de interação oral, palestras e seminários – como em relação à forma de serem vistos (ou melhor, lidos). Na apresentação do livro, Magda Soares informa que o mesmo “propõe releituras de artigos sobre os temas alfabetização e letramento publicados ao longo de um período de treze anos – de 1985 a 1998” (p. 7). A autora pretende, ao publicar novamente seus textos, acrescentar as

contribuições de seus alunos, colegas do espaço acadêmico e professoras alfabetizadoras, a fim de rediscutir as temáticas em questão, a partir de outras vozes e em outros espaços e tempos.

Em sua caminhada como autora e pesquisadora, Magda Soares observa que, após treze anos da publicação dos textos que compõem a obra, as problemáticas que envolvem a alfabetização continuam sendo discutidas e abordadas em diversas instâncias (congressos, seminários, conferências) bem como vêm sendo alvo de pesquisas e reportagens. Em virtude disso, a autora compreende que, embora tais textos tenham sido publicados inicialmente como artigos em periódicos, tendo um caráter efêmero e transitório, as temáticas neles abordadas se fazem atuais. Nesse sentido, ela discute a questão das categorias de *estar* e *ser*, entendendo que “artigos são, fundamentalmente, da categoria do *estar*; livros são, fundamentalmente, da categoria do *ser*” (p. 7).

Magda Soares encaminha a organização de sua obra em três partes, abordando inicialmente as *Concepções* de alfabetização e letramento, enfatizando em seguida as questões *Práticas* referentes a essas temáticas e finalizando com *Articulando concepções e práticas*.

É interessante destacar a preocupação da autora em assinalar que os artigos apresentam *estilos textuais*² diferenciados, pois se mantêm as características do gênero textual como fora publicado no seu suporte original, seja ele periódico ou conferência.

Podemos observar que a autora marca sua releitura de duas maneiras. A primeira, através de um pequeno texto situado logo abaixo do título do artigo, denominado “Nota introdutória”, onde é feita uma contextualização histórica do texto: suas condições de produção e possíveis relações com outros textos da obra. A segunda evidencia-se no corpo do texto – como a voz atual da autora frente a sua produção original –, através de *links* ou “janelas de um hipertexto” (p. 9), como se pudéssemos literalmente abrir uma janela e ver o que está sendo dito hoje sobre esse tema. Contudo, essa releitura geralmente limita-se a informar o ano de publicação de obras citadas ou do próprio texto e a dar explicações e definições sobre determinados termos – sem considerar os estudos atuais sobre alfabetização e letramento, principalmente aqueles marcados pelas perspectivas pós-críticas.

Magda Soares realiza um trabalho perspicaz de articulação entre os textos das três partes acima citadas que, embora publicados em situações diferentes e em tempos distintos, corporificam-se numa unidade temática, correspondendo aos títulos de cada seção.

Na primeira seção, intitulada *Concepções*, a autora reúne quatro textos em que enfatiza basicamente as definições de alfabetização, alfabetismo e letramento, numa perspectiva crítica, privilegiando a visão multifacetada da própria alfabetização inserida em contextos sociohistóricos. O primeiro texto, “As muitas facetas da alfabetização” (de 1985³), indica as principais perspectivas que vinham sen-

do investigadas e estudadas sobre o processo de alfabetização. Como a autora mesmo coloca, “embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, essas facetas são aqui apresentadas sob três categorias: *o conceito de alfabetização, a natureza do processo de alfabetização e os condicionantes do processo de alfabetização*” (p.14). Nesse texto, também procura apontar as implicações educacionais dessas múltiplas facetas da alfabetização, no que diz respeito à criação de métodos e materiais didáticos, bem como o delineamento dos pré-requisitos da alfabetização em si e da formação do alfabetizador. Sobre a distinção entre os conceitos de alfabetização e letramento, vale destacar que Magda caracteriza o primeiro como o processo de aquisição da língua, e o segundo como o processo de desenvolvimento da língua, ambos abrangendo tanto a escrita e a leitura como a oralidade. Outras autoras, como Marzola (2001) e Trindade & Dalla Zen (2002) compreendem o conceito de letramento além desse processo de desenvolvimento da língua oral e escrita, procurando investigar também os processos culturais de constituição das práticas orais e de leitura e escrita, situando-as historicamente. De acordo com Trindade & Dalla Zen (2002, p. 125), “[...] as representações de leitura, escrita e oralidade são construídas a partir de determinadas práticas culturais e estruturas sociais e de acordo com as demandas/necessidades da escola, etc”.

O texto seguinte, “Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas” (de 1995), discute o conceito de alfabetismo, relacionando-o com o contexto social e cultural, buscando, então, os significados de alfabetismos nas sociedades e culturas letradas. É importante destacar que a autora procura enfatizar a complexidade da definição de alfabetismo que, segundo ela, “(...) engloba um amplo leque de conhecimentos, habilidades, técnicas, valores, usos sociais, funções e varia histórica e espacialmente” (p. 30). Além disso, trabalha com esse conceito sob duas dimensões: a individual e a social, finalizando com o apontamento das diversas perspectivas de análise do *fenômeno* alfabetismo (histórica, antropológica, sociológica, psicológica e psicolinguística, sociolinguística, linguística, discursiva, textual, literária, educacional ou pedagógica e política).

O centro do debate do terceiro texto, ainda na primeira seção, é a problemática da qualidade da alfabetização em nossas escolas brasileiras: “Em busca da qualidade em alfabetização: em busca... de quê?” (de 1992). Na nota introdutória, Magda Soares faz questão de salientar que essa discussão persiste desde que o texto foi publicado; ou seja, passados dez anos, como ela mesma ressalta, lamentavelmente a qualidade do processo de alfabetização continua sendo um dos principais problemas da educação em nosso País. O tema é abordado por ela a partir de duas perspectivas: a primeira se refere às propostas de intervenção para superar o problema; na segunda, a questão da qualidade é discutida sob o enfoque da avaliação do processo de alfabetização. Ao apontar conclusões, Magda Soares rompe com uma visão fragmentada, apresentando uma percep-

ção global da alfabetização, considerando que, para se discutir a qualidade da alfabetização, é preciso “(...) buscar, primordialmente, uma determinação das propriedades, atributos, condições do alfabetismo que devem caracterizar a alfabetização, ou a criança alfabetizada” (p. 53). Além disso, ela ressalta a importância de se considerar a diversidade em relação às “(...) propriedades, atributos, condições que devem constituir a alfabetização: serão os mesmos para todos? Serão diferenciados segundo o contexto de cada grupo?” (p. 54).

No último texto dessa seção, intitulado *Alfabetização e cidadania* (de 1996), a autora relaciona esses termos, apontando uma aparente contradição através de uma postura que nega e outra que afirma a vinculação entre alfabetização e cidadania. Nesse sentido, Magda Soares procura estabelecer “uma relação de causa-consequência entre alfabetização e cidadania” (p. 55), denunciando que a ênfase excessiva posta na alfabetização, como se essa fosse imprescindível ao exercício da cidadania, pode ser um equívoco, uma vez que a conquista da cidadania se dá “na prática social e política, dos movimentos de reação e reivindicação das organizações populares” (p. 56); ou seja, ela não é ensinada na escola, na alfabetização. E, apesar de negar a vinculação entre alfabetização e cidadania, a autora afirma que a alfabetização é um instrumento na conquista da cidadania. A autora denuncia ainda que muitas vezes o “alfabetizado”, aquele que aprendeu a ler e escrever, não se apropriou da leitura e da escrita como bem simbólico de uso político, não se incluindo no mundo letrado. Finaliza, apontando a necessidade de promover a alfabetização, no sentido de oportunizar o acesso à leitura e à escrita, marcando seu significado vinculado à conquista e ao exercício da cidadania.

No primeiro texto da segunda seção, o qual é intitulado “Alfabetização: a (des)aprendizagem das funções da escrita” (de 1988), a autora reconhece as contribuições dos estudos lingüísticos à alfabetização, ressaltando o conhecimento das características dialetais como um fator fundamental para as análises do processo de alfabetização. Através desse texto, propõe uma reflexão sobre “o estudo e a pesquisa do desenvolvimento de habilidades textuais sob a perspectiva das ‘funções’ atribuídas ao uso da língua por crianças de diferentes classes sociais” (p. 63). Segundo Magda Soares, é importante conhecer o valor e a função atribuídos à escrita, numa determinada comunidade, para que se possa compreender o significado que lhe é dado e sua implicação na alfabetização. Conforme esse texto, é possível observar, por exemplo, que a linguagem da escola é eminentemente marcada pelo dialeto padrão, e que as crianças de classes populares trazem para a escola uma linguagem diferenciada, em que se marcam funções distintas das escolares, diferenças dialetais e de significados atribuídos à linguagem. A autora conclui que crianças de classes sociais diferentes comportam-se diferentemente em relação ao uso da escrita, porque suas interpretações variam conforme as interpretações que os grupos fazem de situações de enunciação e das expectativas do interlocutor. Ressalta ainda que, se a partir

dos estudos sociolingüísticos existe a denúncia de um processo de desaprendizagem das efetivas funções da escrita, há também um processo de aprendizagem de uma escrita que vai de encontro a essa funcionalidade, ou seja, a aprendizagem de uma escrita que nega o direito de dizer a própria palavra, nega o direito de autoria.

No texto seguinte, “Alfabetização: em busca de um método?” (de 1990), Soares atinge o calcanhar de Aquiles de muitos/as estudiosos/as e professores/as que se colocam contrários à idéia de método na alfabetização, principalmente por conceberem essa noção vinculada aos tradicionais métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos) e, também, por terem sido influenciados/as pela tendência psicogenética do processo de construção da leitura e da escrita. Assim, coloca em questão a perda de um método na alfabetização, o que ocorreu após a influência do paradigma construtivista (denominação que ela mesma questiona), que desde a década de 80 vem nortando a maior parte das práticas de nossas alfabetizadoras. Contrapondo dois enunciados – *Alfabetização: em busca de um método* e *Alfabetização: em busca de um método?* –, sendo o primeiro afirmativo e o segundo interrogativo, a autora coloca num dos seus links que “(...) como consequência da ‘mudança de paradigma’, (...) a questão passou a ser o *impasse* entre, de um lado, a *necessidade* de um método de alfabetização, de outro lado, a dúvida sobre a *possibilidade* de um método de alfabetização no quadro do novo paradigma” (p. 87). As palavras grifadas pela própria autora, bem como o que juntas expressam – o *impasse* entre *necessidade* e *possibilidade* de um método – atravessam todo o texto, até chegar ao ponto fundamental dessa discussão: o resgate da noção de método na área do ensino da língua materna. Soares coloca método como um conjunto de ações sustentadas por determinadas hipóteses teóricas, que visam dar conta de certos objetivos. Ela considera compatível essa concepção de método com a tendência psicogenética na alfabetização, principalmente quando se considera a necessidade de fazer as crianças avançarem no processo de aquisição da leitura e da escrita.

No último texto desta seção, *Novas perspectivas do ensino da Língua Portuguesa: implicações para a alfabetização* (de 1991), a autora tem como objetivo levar o leitor a uma reflexão sobre perspectivas para o ensino e a aprendizagem da língua escrita (alfabetização e letramento no ensino fundamental), através de uma contextualização sociohistórica do ensino da língua. Magda Soares aponta dois enfoques importantes a serem mencionados: o primeiro, a partir do momento que as classes populares têm acesso à escolarização, surge uma distância entre o discurso escolar e os discursos desses novos alunos. O segundo, e esse é o que norteará a discussão, aponta as novas perspectivas que vêm se propondo ao ensino de Língua Portuguesa, perspectivas essas que trazem concepções da Psicologia Genética e dos estudos lingüísticos. Para a autora, essas perspectivas vêm contribuindo para a compreensão da aquisição do código

escrito, quanto aos seus aspectos convencional-gráfico e simbólico, mas resalta a importância de as crianças fazerem uso, em práticas sociais discursivas, desses conhecimentos construídos. Numa de suas releituras em *links*, Soares comenta que

Este “uso da língua como discurso” é, em síntese, o que se vem denominando letramento; o que se propõe aqui é que, contemporaneamente à aprendizagem dos sistemas alfabético e ortográfico, a criança desenvolva também habilidades de uso desses sistemas em práticas sociais de escrita (p. 105).

Para ilustrar essas muitas facetas da aprendizagem, em *Articulando concepções e práticas*, como é assim intitulada a parte final do seu livro, Soares retoma o artigo “Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método” (de 1998), a fim de resgatar a indissociabilidade entre concepções e práticas, considerando o trabalho desse autor como um dos que mais expressa essa integração. A autora considera uma *redução* considerar o trabalho de Freire como estritamente ligado a um método de alfabetização de adultos. Para ela, Paulo Freire criou uma concepção de alfabetização inserida numa nova concepção de educação, “(...) uma concepção de educação como *prática da liberdade*, educação como *conscientização*; e disso, realmente, foi ele o inventor” (p. 119). Assim, Soares aponta que, ao selecionar palavras geradoras que surgem de temas geradores, a proposta de Freire procura abranger *situações existenciais* dos alfabetizandos, além de enfatizar também a aprendizagem das relações fonema-grafema. Segundo a autora, “(...) é uma concepção que põe o método a serviço de uma certa política e filosofia da educação (...)” (p. 120). Dessa forma, Freire valeu-se de métodos de alfabetização já existentes, concebendo-os em suas dimensões política e ideológica. Com a discussão dos estudos de Paulo Freire, um dos maiores pensadores da alfabetização e da educação em nosso país, a autora finaliza a reapresentação desse conjunto de artigos e conferências escolhidos para compor o livro ora examinado, posicionando-se claramente na perspectiva das teorias críticas da educação. Nesse sentido, a autora limita a discussão sobre cultura ao considerá-la singularmente, tratando-a como algo superior, de domínio de alguns. Consideramos que Magda Soares poderia ampliar tal discussão, abordando as questões atuais sobre cultura e educação, provocadas pelos estudos pós-críticos, atribuindo à obra o caráter inédito a que se propunha. É possível, então, questionar o significado de cultura, abordado pela autora, contrapondo o uso do termo no plural. Nesse sentido, Costa, Silveira e Sommer vão nos dizer que

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e

artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões (2003, p. 36).

Em última análise, a estrutura apresentada no livro discute definições de alguns termos ainda desconhecidos de muitos/as educadores/as, com vistas a dialogar, através deles, sobre suas práticas e fazendo confluir o seu exame com dimensões teóricas e práticas.

A obra apresenta o retorno de Magda Soares a suas produções anteriores, através de sua reflexão ressignificada, e pode servir de referência para educadores e educadoras envolvidos no processo de aprendizagem da língua materna, em especial no seu registro escrito, seja pela sua organização didática seja pela sua coerência intertextual, mas principalmente por vivenciarmos um momento em que é preciso olhar, de modo amplo, para todos esses discursos que marcam a alfabetização e o ensino da língua como invenções produzidas sociohistoricamente.

Notas

1. Estamos nos referindo ao artigo publicado na *Revista Pátio* (v. VII, n. 29, fev./abr. 2004): *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*.
2. Palavras e expressões literais da autora serão grafadas em itálico.
3. Consideramos importante indicar o ano da publicação original.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. V. 23, Mai-jun/ago, 2003, p. 36-61.
- MARZOLA, Norma. O analfabetismo como metáfora. In: SCHMIDT, Saraí (Org.) *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP& A, 2001, p. 111-116.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminho e descaminhos. *Revista Pátio*, ano VII, n° 29, fev./abr. 2004.
- _____. Letramento e alfabetização: as múltiplas facetas. In: 26° *Reunião da ANPED - GT Alfabetização, Leitura e Escrita*. Poços de Caldas, 2003.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- TRINDADE, Iole Maria; DALLA ZEN, Maria Isabel. Leitura, escrita e oralidade como artefatos culturais. In: XAVIER, Maria Luisa Merino (Org.). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 123-133.

Claudia Gewehr Pinheiro é mestranda em educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:
E-mail: claudiagewehr@ig.com.br

Patrícia Moura Pinho é professora substituta do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Endereço para correspondência:
paty.mp@terra.com.br